

A pandemia do novo coronavírus e a veiculação de informações científicas pelas ondas da FM Universitária 96,7 da UFPI

The new coronavirus pandemic and the divulgation of scientific data by FM Universitária 96,7 from UFPI

La pandemia del nuevo coronavirus y la difusión de informaciones científicas a través de las ondas de la emisora radial FM Universitária 96.7 de UFPI

Nilsângela Cardoso Lima e Urziana Damasceno Viana De Moraes

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo sobre a atuação da FM Universitária 96,7, vinculada à Universidade Federal do Piauí, em tempos de pandemia da Covid-19. Analisa as mudanças na programação, através da produção e divulgação de conteúdo científico (estudos, pesquisas etc.) sobre a SARS-CoV-2. O *corpus* da pesquisa é formado por webconferências, transmitidas em maio e junho, e pelos boletins produzidos e veiculados no período de 22 a 26 de junho de 2020. A metodologia adotada foi o estudo de caso (YIN, 2001) e a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), sendo eleitas duas categorias: "Comunicação Científica" e "Divulgação científica sobre a Covid-19". À luz da teoria do jornalismo científico, verificou-se que a pandemia alterou a rotina de produção da emissora e abriu espaço na grade de programação para temas científicos ligados ao novo coronavírus, com ênfase para a divulgação científica.

Palavras-chave: Rádio; Comunicação científica; FM Universitária da UFPI; Covid-19.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 09/02/2021; aceito em: 12/04/2021.

>> **Como citar este texto:**

LIMA, C. N.; MORAES, U. D. V. de. A pandemia do novo coronavírus e a veiculação de informações científicas pelas ondas da FM Universitária 96,7 da UFPI. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 12, n. 01, p. 91-118, jan./abr. 2021.

Sobre os autores

Nilsângela Cardoso Lima
nilcardoso@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5261-2901>

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí; com Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora efetiva do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI.

Urziana Damasceno Viana de Moraes

urziana@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5261-2901>

Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI. Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Piauí, graduada em Letras pela Universidade Federal do Piauí e especialista em telejornalismo e em docência do ensino superior pela Faculdade Ademar Rosado.

Abstract: This paper presents a study about the work of FM Universitária 96,7, associated with Federal University of Piauí (UFPI), in times of Covid-19 pandemic and analyzes the schedule changes, through the production and dissemination of scientific content (studies, researches etc.) about the coronavirus Sars-CoV-2. The corpus of the research is composed by web conferences, aired in May and June, and by the bulletins produced and divulged from 22 to 26 June 2020. The methodology adopted was Case Study (YIN, 2001) and Content Analysis (BARDIN, 1977), being elected two categories: "Scientific Communication" and "Scientific divulgation about Covid-19". According to the science journalism theory, it was verified that the pandemic changed the radio station production routine, however it provided a space of the schedule grid for scientific themes linked to Covid-19, with emphasis on scientific divulgation.

Keywords: Radio; Scientific communication; FM Universitária from UFPI; Covid-19.

RESUMEN: Este artículo presenta un estudio sobre la actuación de la FM Universitaria 96.7 de la Universidad Federal de Piauí en los tiempos de la pandemia de Covid-19 y analiza los cambios en la programación, a través de la producción y difusión de contenido científico (estudios, investigación, etc.) respecto el coronavirus SARS-CoV-2. El corpus de la investigación está compuesto por videoconferencias por la web, transmitidas en mayo y junio, y por los boletines producidos y publicados en el período del 22 al 26 de junio de 2020. La metodología adoptada fue el Estudio de Caso (YIN, 2001) y el Análisis de Contenido (BARDIN, 1977), se eligieron dos categorías: "Comunicación Científica" y "Divulgación Científica sobre Covid-19". A la luz de la teoría del Periodismo Científico, se descubrió que la pandemia alteró la rutina de producción de la emisora, sin embargo, proporcionó un espacio en las franjas horarias para temas científicos vinculados al Covid-19, con énfasis en la divulgación científica.

Palabras llave: Radio; Comunicación Científica; FM Universitaria de UFPI; Covid-19.

Introdução

A disseminação pelo mundo do novo coronavírus, também chamado Covid-19, entre o final do ano de 2019 e o início de 2020, acarretou uma série de mudanças em diversas áreas e sociedades. Mais que mudanças de hábitos de higiene para prevenção da doença, o vírus trouxe alterações na rotina, nos modos de vida da população em várias partes do mundo. Além do uso de máscaras, que se tornaram itens obrigatórios de proteção individual e coletiva,

e a preocupação constante com a desinfecção de ambientes, o coronavírus alterou a liberdade de ir e vir da população mundial. Ambientes que antes seriam úteis ou considerados seguros, como *shoppings centers*, escolas, restaurantes, comércio etc., agora são classificados como essenciais ou não essenciais. Em outras palavras, lugares públicos e privados ou mantiveram suas portas abertas dada a necessidade do serviço ofertado à sociedade; ou cerraram as portas como medida de controle sanitário frente à ameaça de contaminação do vírus SARS-CoV-2.

A mídia, considerada um serviço essencial nesse contexto, foi mantida em funcionamento dada sua importância para a promoção da informação sobre a doença e tudo aquilo que foi afetado por ela. Com isso, a maioria dos meios teve que mudar sua grade de programação da noite para o dia para manter o público diariamente atualizado e informado sobre a disseminação do vírus e as medidas profiláticas necessárias para barrar o seu avanço. Dada a grande oferta de notícias e informações sobre o assunto, nem sempre verdadeiras, o indivíduo recorre cada vez mais à mídia que ele considera credível.

No século XXI, entre as possibilidades de acesso a informações contam-se as mídias digitais (como sites, portais ou mesmo redes sociais) e as mídias tradicionais, como rádio e televisão. As duas últimas, por sua vez, continuam sendo meios de comunicação presentes no Brasil, principalmente, porque o acesso à informação difundida por essas mídias não necessita de internet. E isso é um ponto a ser considerado, pois mais de 40 milhões de brasileiros não têm acesso a essa tecnologia ou bens de consumo indispensáveis para um tipo de comunicação, mediada pelas tecnologias digitais. Assim, o rádio e a televisão continuam prestando serviço à sociedade contemporânea. Em tempos de pandemia, como a ocasionada pelo novo coronavírus no início do ano de 2020, no Brasil, a televisão e o rádio, comercial e público, têm dedicado muitas horas de sua programação para construção de material cuja pauta é, sobremaneira, dedicada à crise sanitária, científica, social, política, econômica, educacional, artística etc. provocada pela Covid-19.

Embora desde dezembro de 2019 o assunto já fosse abordado pela mídia,

a priori, a ameaça da Sars-CoV-2 parecia ainda distante porque se falava apenas de sua contaminação na China. Quando a doença se espalha pelos mais diferentes pontos do mapa passando a ser denominada/tratada de pandemia, abre-se um sinal de alerta para todo o globo e a mídia já reserva boa parte da sua programação para o assunto. Em fevereiro de 2020, quando se tem a confirmação do primeiro caso no Brasil, a situação se torna mais sintomática. Em março, quando governadores e prefeitos assinam decretos com medidas de distanciamento e isolamento social, a pandemia da Covid-19 atraiu todas as atenções dos jornalistas. Quer no rádio, na TV, nas mídias digitais, o avanço do novo coronavírus no país se tornou a pauta principal.

Seria possível pensar que uma situação de crise como a gerada pela pandemia do novo coronavírus não tivesse grande implicações para os meios de comunicação de outorga educativa, por se considerar que eles já estariam acostumados a oferecer uma programação que incentiva e difunde produções científicas, culturais e educativas, tal como é determinada por lei. Ledo engano, pois, em tempos de pandemia, o que se observa é que as emissoras públicas de outorga educativa, cujo papel essencial é justamente a produção de programas educativos, também sofreram impactos e foram desafiadas a mudar a sua programação. A mídia teve que entrar em sintonia com o que passou a ser denominado de "novo normal" a partir das medidas profiláticas adotadas para o enfrentamento da Covid-19.

Nesse contexto, é que se pretende analisar a programação da rádio pública educativa FM Universitária 96,7, vinculada à Universidade Federal do Piauí, em tempos de pandemia da Covid-19 e a veiculação de informação científica sobre o tema. Trata-se, pois, de um estudo de caso, na perspectiva metodológica proposta por Yin (2001), com o interesse de compreender as mudanças agenciadas na programação da rádio através da produção e divulgação de conteúdo científico (estudos, pesquisas e produções científicas etc.) sobre o novo coronavírus. Ou seja, o papel da rádio para difundir informação científica sobre Covid-19. Além do estudo de caso, foi adotada a metodologia da análise de conteúdo. A análise do conteúdo produzido e veiculado pela FM da Universitária da UFPI foram definidas tendo

como norte os critérios estabelecidos nas regras qualitativas de Bardin (1977, p. 120), que são: “a exclusão mútua; homogeneidade; objetividade e a fidelidade; pertinência; produtividade”. Nesse sentido, foram eleitas duas categorias: “Comunicação Científica” e “Divulgação científica veiculadas pela FM da UFPI sobre a Covid-19”.

Durante o período de pandemia, a FM Universitária da UFPI tem produzido um conteúdo noticioso com base em boletins com informações científicas sobre a Covid-19 e ainda abre espaço em sua programação para transmissão de conferências relacionadas ao tema e que são produzidas pelos professores-pesquisadores da própria instituição. Nesse sentido, o *corpus* da pesquisa é formado pelas webconferências, transmitidas nos meses de maio e junho, e pelos boletins produzidos e veiculados pela FM Universitária sobre a cobertura da Covid-19, no período de 22 a 26 de junho de 2020. Sendo assim, foram preteridos materiais, como *spots*, devido ao seu caráter publicitário e não jornalístico, ainda que tratem sobre a Covid-19 e façam parte da programação especial dada à pandemia. O material empírico da pesquisa foi analisado tendo como fundamentação teórica Reis (2018) e Bueno (2010), que tratam sobre ciência, jornalismo, comunicação e divulgação científica.

O papel das rádios de outorga educativa sob o ponto de vista da legislação

Não se tem respostas concretas, até então, sobre a origem do novo coronavírus. Falta, ainda, conhecer um tratamento eficaz. O fato é que a sociedade de um modo geral vem tentando se adaptar a situações impostas pela pandemia. A medida mais eficaz, por ora, é o isolamento ou o distanciamento social, decretados por várias esferas de governo, que força grande parte da população a ficar em casa. Apesar das pausas e restrições, muitas atividades não pararam, dentre elas a jornalística. A mídia, considerada como um serviço essencial, fornece diariamente informações, dados, números da doença e tudo aquilo que sofreu o impacto da Covid-19. Com a

impossibilidade de cobrir eventos esportivos, artísticos e de entretenimento, a grade televisiva e radiofônica volta-se para a Covid-19: seja com produção de materiais informativos sobre os sintomas da doença; seja com a atualização do número de leitos disponíveis em hospitais pelo país; ou ainda, pesquisas científicas realizadas para desvendar os mistérios da doença, uma vacina etc. Esses são apenas alguns dos enquadramentos dados pela mídia tradicional, a exemplo do que se vê diariamente nas TVs comerciais abertas no Brasil.

O rádio, por sua vez, é um meio de comunicação que tem, ao longo de sua história, o papel de informar, entreter e prestar serviço à comunidade. Quando se fala em rádio é preciso deixar claro que existem diferenças da oferta da programação entre emissoras comerciais, públicas e educativas. Diferenças que se explicam pela existência da legislação que determina e restringe que tipo de programação pode ser transmitida pelas rádios de outorga pública e educativa. Nesse viés, importa estudar a radiodifusão de outorga educativa e como ela tem apresentado uma programação com conteúdo científico (estudos, pesquisas e produções científicas) sobre a Covid-19.

Quando tratamos do termo “Educativo” no rádio, alguns entendimentos surgem. O primeiro desses remete às outorgas específicas à radiodifusão educativa, que devem exclusivamente oferecer conteúdo educacional. E um segundo ponto seria o caráter educativo/pedagógico que o rádio no Brasil apresentou em sua fase inicial. Vale ressaltar que quando se fala de radiodifusão de outorga educativa, não se trata de uma retomada da função educativa e cultural como foi pensada por Roquette-Pinto, na década de 1920, quando o rádio ensaiava suas primeiras transmissões no país e atendia a uma pequena parcela da sociedade brasileira. De acordo com Moreira (1991, p. 17):

Em 1936, no entanto, a função educativa do rádio – que, até então, fora determinada pelos organizadores das primeiras emissoras nacionais – tornava-se oficial. Nesse ano, Roquette Pinto doava ao Ministério da Educação e Cultura a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. [...] Inicia-se, assim, o Sistema de Rádio Educativas no Brasil. [...] Aulas, conferências e palestras compunham a base da programação inicial da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro [...] lições de português, francês, italiano, geografia e história natural, entre outras.

O conceito de educativo relacionado à formação e à difusão de conhecimentos se fez presente na história do rádio e da educação brasileira. O rádio foi transformado numa ferramenta tecnológica com propósitos pedagógicos por vários anos através da educação à distância que acontecia por meio de radiodifusão. No século XX, o Ministério da Educação sustentou projetos educacionais, como: "Universidade no ar" (1941), "Projeto Minerva" (1970), entre outros. Também vale ressaltar o "Movimento de Educação de Base", que teve início nos anos 1960 e era vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A função educativa e cultural do rádio sofreu alteração a partir dos anos 1930. Thibes (2014) explica que embora o rádio nos anos 1920 servisse como meio de educar a população brasileira que, à época, contava com apenas um terço de alfabetizados; essa função muda com o Decreto n. 21.111, que autoriza a veiculação de propaganda pelo rádio. É a partir dos anos 1930 que o rádio perde seu caráter educativo e "[...] em poucos anos, o meio adquire um caráter comercial e a primeira transformação inicia-se. Esta seria apenas a primeira de muitas mudanças, que continuam em curso" (THIBES, 2014, p. 29).

Em relação às emissoras educativas, a própria maneira de se referir a elas também sofre alterações, como argumenta Baumworcel (2016, p. 260):

Desde o seu surgimento no país, o rádio, com um grau de eficiência e de resultados variáveis, contribuiu com a instrução de seus ouvintes, mas sua natureza educativa não se restringe a esse "lugar de escola", como pregava Roquette-Pinto. No entanto, talvez, o senso comum sobre o conceito de rádio educativo seja o que se classifica, aqui, como rádio instrutivo. Atualmente, as próprias emissoras estatais, educativas, culturais e universitárias, antes integrantes do Sistema Educativo de Rádio, buscam ampliar essa visão ao se classificarem como rádios públicas.

Apesar da classificação enquanto públicas (e o conceito do que seja rádio pública também não é fechado), na legislação prevalece o termo "educativo" englobando todos os segmentos que recebam a outorga para fins educacionais (sejam elas estatais, universitárias). Em termos legais uniformiza-se a

nomenclatura ao chamar essas emissoras de “educativas”, independente de elas pertencerem à administração pública direta ou indireta. Questões como o conteúdo exclusivamente educativo e a outorga de rádio educativa se atrelam, portanto, às rádios universitárias ligadas às instituições públicas de ensino superior federais. Portanto, as rádios universitárias federais inserem-se ou estão contidas em conjunto maior, das emissoras educativas.

De acordo com Roldão (2003, p. 5), “as rádios consideradas educativas são concessões destinadas a universidades, fundações ligadas a empresas privadas, governo federal, estaduais ou municipais ou mesmo diretamente a Prefeituras”. Entretanto, nem toda rádio educativa será universitária porque outras entidades e mesmo entes federativos como municípios podem receber tal outorga. Assim, rádios educativas são um sistema em que as universitárias se enquadram.

Em se tratando de rádios universitárias ligadas a instituições de ensino superior (IES) de caráter público, entende-se que estas recebem um tipo de outorga diferente em relação às concedidas a rádios comerciais, sendo que àquelas são vedadas condutas, como a de ter fins lucrativos. Ou seja, não se enquadram enquanto rádios comerciais e não estão sujeitas a servir de mero veículo de assessoria estatal, tendo em vista que devem ter programação voltada para incentivar e difundir produções científicas, culturais e educativas, entre outros pontos. Como consta na Portaria 651, de 1999, do Ministério da Educação, em seu artigo 1º:

Art. 1º - Por programas educativo-culturais entendem-se aqueles que, além de atuarem conjuntamente com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, visem à educação básica e superior, à educação permanente e formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional, sempre de acordo com os objetivos nacionais. (BRASIL. Portaria 651, 1999)

Esta portaria é um importante instrumento para a radiodifusão educativa. Está em vigor desde 1999 e traz, ainda que em poucos pontos, normatizações importantes para a radiodifusão educativa e, conseqüentemente, a universitária,

como a definição do que sejam programas educativos culturais; os fins aos quais a radiodifusão educativa se destina e ainda as exigências para outorga de concessão, permissão e autorização de serviços. Ressalte-se que essa legislação foi recentemente acrescida com a Portaria 3.238/2018, que define que “a radiodifusão educativa se destina, exclusivamente, à divulgação de programação educativo-cultural, sem finalidade lucrativa”.

Sobre a Portaria 3.238, que entrou em vigor em junho de 2018, entende-se que ela, em grande parte, apenas reitera os artigos propostos na Portaria 651/1999. Alguns artigos dessa foram apenas redistribuídos na Portaria 3.238/2018. Por exemplo, o artigo 1º da Portaria 651/1999 que trata da definição de programas educativos culturais que foram desmembrados no artigo 2º, incisos II e III Portaria 3.238/2018. De outro ponto, a Portaria 3.238/2018 também apresenta inovações, tais como detalhar certos procedimentos que não constam na Portaria 651/1999, como o inciso II do artigo 3º: “II - cooperação com os processos educacionais e de formação crítica do cidadão para o exercício da cidadania e da democracia, **em especial mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates**” (grifo nosso). A preferência à produção local e regional também foi acrescida. E principalmente uma preocupação com a questão informativa, exigindo a pluralidade de informações e versões (entende-se como diferentes fontes a serem consultadas). E, por fim, a participação, ou seja, permitir uma interatividade entre as emissoras e sociedade.

FM Universitária da UFPI e mudanças da programação em tempos de pandemia: comunicação e divulgação científica sobre a Covid-19

A rádio FM Universitária 96,7 é vinculada à Universidade Federal do Piauí. Essa, por sua vez, foi criada no fim dos anos de 1960. Em publicação alusiva aos 40 anos da Instituição, os professores Antônio José Gomes e Luiz de Sousa Santos Júnior (2013, p. 7) afirmam que “em documentos histórico-oficiais constata-se que a Universidade Federal do Piauí foi instituída sob a forma de

Fundação, por meio da Lei Federal Nº 5.528, de 12 de novembro de 1968". A UFPI é um dos importantes polos acadêmicos do estado, oferecendo cursos em diversas áreas de ensino, tanto em nível de graduação quanto pós-graduação. A implantação de uma rádio universitária na UFPI se deu quase quarenta anos após sua criação, visto que a emissora inicia sua implantação em meados dos anos 2000, quando recebe autorização da Radiobrás, Empresa Brasileira de Comunicação, que, àquela época, era responsável pela radiodifusão pública e estatal no país. A Rádio FM Universitária 96,7 começa, então, a operar em fase experimental em 2008 e, assim como outras rádios universitárias no país, tem um papel significativo de difusão de conhecimento. No site da rádio universitária da UFPI há um breve histórico sobre sua implantação, o qual destaca:

A trajetória para implantação da Rádio FM Universitária 96,7 inicia em 10 de outubro de 2005 quando a Empresa Brasileira de Comunicação – Radiobrás – por meio do convênio RDB/DIJUR/N.054/2005, autoriza a Universidade Federal do Piauí a estabelecer as condições de operações dos serviços de radiodifusão de sons. [...] No final de 2008, com o prefixo ZYX 844, a Rádio FM Universitária, 96,7 MHz, inicia as transmissões em fase experimental, tendo como equipe inicial, o professor Paulo Henrique Gonçalves de Vilhena Filho, diretor da Rádio, e Renato Basílio Soares, diretor de programação (HISTÓRIA DA FM UNIVERSITÁRIA, 2017).

As atividades em fase experimental, com o prefixo ZYX 844, perduram até a inauguração oficial da emissora, que aconteceu em 9 de setembro de 2011, e contou com a cobertura do evento pela imprensa local. A inauguração fez parte da programação do "Encontro de Reitores do Nordeste", realizado na Universidade Federal do Piauí naquele ano. Em entrevista à *Rede Meio Norte*, emissora de televisão do Piauí, o professor Paulo Henrique Gonçalves de Vilhena²⁹ fala das propostas da emissora:

[...] transmissão que antes era feita em caráter experimental agora vai ter participação de acadêmicos do curso de comunicação social. Mais do que uma comunicação só interna, acadêmica, o projeto ele contempla essa

²⁹ Professor do Curso de Comunicação – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Piauí e diretor da FM Universitária à época da inauguração.

comunicação, essa ponte entre a universidade e o público tirando essa produção acadêmica dos muros, do campus da universidade e servindo como uma ferramenta de mídia, de utilidade pública e de feedback com esse público que precisa conhecer mais essa produção da universidade (REITOR DA UFPI INAUGURA rádio universitária, 2011).

Sobre os propósitos da Rádio FM Universitária 96,7 no Plano de Desenvolvimento da Universidade Federal do Piauí (2015-2019, p. 108), a rádio é apresentada com os seguintes objetivos:

A Rádio FM Universitária tem como missão: oferecer ao público uma programação plural, ética e comprometida com práticas educativas, artísticas, culturais e informativas e como visão: ser referência em comunicação e jornalismo públicos no Estado do Piauí. Seus valores são: compromisso com a comunicação e jornalismo públicos; Independência nos conteúdos e transparência; defesa dos direitos humanos, a liberdade de expressão e o exercício da cidadania; valorização de pessoas, da diversidade cultural brasileira e divulgação da cultura e da música piauiense; formação crítica, cultural e cidadã dos ouvintes [...].

Pelo exposto na fala do diretor da época da inauguração da FM Universitária da UFPI, professor Paulo Henrique Gonçalves de Vilhena, a rádio seria lugar de veiculação de produção acadêmica produzida na universidade e ainda “ferramenta de utilidade pública”. Discurso que se ratifica no Plano de Desenvolvimento da UFPI, que acrescenta se tratar de um meio de comunicação e jornalismo público em um diálogo entre a universidade e a sociedade, sem deixar de atender a questões da comunidade em geral.

Desde a sua criação, a rádio universitária da UFPI funciona com a colaboração dos estudantes pelo fato de funcionar como rádio laboratório do Curso de Jornalismo da IES. Portanto, sua programação é produzida por alunos do curso que são selecionados como bolsistas para estagiar na emissora ou ainda pela produção do “Repórter Cigarra”, que é feito pelos alunos da disciplina Radiojornalismo. De tal modo, funciona não apenas como um ambiente propício a revelar futuros talentos do jornalismo, mas, também, uma oportunidade de diálogo, de efetiva prática do jornalismo, como considera Spenthof (1998, p. 157) ao discorrer sobre rádio e TV universitária no Brasil:

A rádio, ou a TV, universitária não é só um conjunto de condições físicas (salas e equipamentos) necessárias à produção radiofônica ou de TV. [...] É um veículo que, além de permitir esta produção, a transporta à sociedade, funcionando como mediadora da relação entre os produtores e o público, real, concreto. E é exatamente esta característica - a mediação com o público - que a torna um laboratório privilegiado para as faculdades.

Em tempos de pandemia da Covid-19 e com as medidas de distanciamento e isolamento social, a rotina produtiva da rádio sofreu alteração considerando que o decreto governamental suspende as aulas na UFPI, o que afetou em partes também a rádio. Ou seja, a partir de março de 2020, alunos estavam impedidos de continuar suas atividades na rádio de forma presencial. Contudo, a rádio não saiu do ar, uma vez que os alunos continuaram suas atividades de forma remota produzindo programas para manter a emissora em funcionamento. A pandemia impactou a rotina da FM Universitária 96,7, mas não a fez perder a sintonia do público ouvinte porque continuou oferecendo uma programação noticiosa atualizada.

Os programas produzidos pela rádio universitária da UFPI funcionam como prática efetiva de produção e veiculação de conteúdo, tendo em vista que são exibidos diária ou semanalmente. Esta é uma característica, um papel comum a rádios universitárias pelo país, funcionando como um ambiente propício à efetiva prática discente no jornalismo, que em tempos de pandemia passou a ocorrer em casa, por meio de videoconferência. No campo da convergência de mídias, a rádio estende a divulgação de informações e promoção de sua grade em sua página nas redes sociais, que têm sido bastante valorizadas neste período dada a oferta de serviços neste ambiente.

A cobertura do novo coronavírus na emissora começou ainda no mês de março de 2020 com uma programação especial, que visava levar aos ouvintes informações a respeito da pandemia. Verificou-se que a emissora alterou sua programação desde então. Antes, o público ouvinte da FM Universitária 96,7 contava com informações matinais no programa "Música e Notícia" e no início da tarde com o radiojornal. Com a pandemia, estes programas foram retirados

do ar e a emissora passou a veicular boletins dedicados exclusivamente à Covid-19, bem como transmissões de webconferências produzidas por professores-pesquisadores da Universidade Federal do Piauí.

Foi com base nesta mudança da programação da FM Universitária da UFPI que se delimitou o corpus da pesquisa. Uma vez que a pandemia forçou a emissora à produção de conteúdo noticioso e uma programação especialmente voltada para informações científicas sobre a Covid-19. A partir do interesse nessa cobertura da rádio para informações científicas sobre a pandemia do novo coronavírus foi feito o recorte para estudo e análise das webconferências produzidas pelos professores-pesquisadores da UFPI, transmitidos pela emissora em maio de 2020, e os boletins sobre a Covid-19 produzidos e veiculados no período de 22 a 26 de junho de 2020. O material foi coletado em dias alternados e a metodologia de análise se fez com base na análise de conteúdo (Bardin, 2017). Deste modo, após a organização das análises e a codificação foram eleitas duas categorias: “Comunicação científica” e “Divulgação científica” produzidas e veiculadas pela FM Universitária da UFPI sobre a Covid-19, que serão abordadas a seguir.

A comunicação científica através da FM Universitária 96,7 da UFPI

Comunicar informações de cunho científico apresenta-se tão comum em tempos de pandemia, sobretudo, pela facilidade de consulta a diversos *sites* de revistas especializadas ou das próprias instituições pesquisadoras, que nem sempre as pessoas se dão conta de que este tipo de comunicação passou por fases. Reis (2018) destaca o processo evolutivo da comunicação científica, em que inicialmente as publicações apresentavam-se na forma de estudos ou noticiários. Geralmente, produzidas com certa superficialidade de informações, no entanto, pareciam mais acessíveis que a leitura de livros, ou seja:

As primeiras publicações jornalísticas científicas buscavam “digerir” os livros e atas das sociedades científicas de toda a Europa. Surgiram meio século após o escrito de Barnaby Rich, na época aproximada em que se fundavam os primeiros periódicos gerais. Por elas o leitor se informava sistematicamente do que acontecia na ciência mundial, sem as dificuldades dos outros meios. Não

apresentavam, porém, documentadamente, o conhecimento recém-adquirido [...]. Comunicavam, por vezes vagamente, o resultado da descoberta sem descrevê-la, referindo-lhe, entretanto, o autor, e não dispensavam a leitura ulterior dos livros, além desse noticiário, apresentavam longos estudos, equivalentes a monografias (REIS, 2018, p. 156).

Ainda de acordo com Reis (2018, p. 156), as sociedades científicas do século XVII tiveram grande influência para a “invenção social do jornalismo científico”, no qual eventualmente se chegaria a artigos mais elaborados, consubstanciados. Assim, “[...] a publicação de artigos originais bem documentados sobre trabalho realizado pelo autor, só mais tarde surgiu, [...]. Só há um século o periódico científico, como o popular, atingiu seu aspecto atual” (REIS, 2018, p. 156).

No Brasil, Massarani (1998) analisa divulgações científicas ocorridas no Rio de Janeiro, nos anos de 1920, e destaca as fases e o volume das publicações que se apresentam em número diversos:

[...] a divulgação científica no Brasil tem quase dois séculos de história. Além disso, a exemplo do que ocorreu em outros países, a atividade brasileira apresentou fases distintas, com finalidades e características peculiares que refletem o contexto e os interesses da época. Já registramos que os surtos de atividades de divulgação científica no Brasil acompanharam, com intensidades e repercussões diversificadas, movimentos congêneres e mais ou menos contemporâneos em países da Europa e das Américas. Isso mostra que as características globalizadoras da ciência e da técnica, em sua inserção capitalista, estão presentes todo o tempo e se refletem nos acontecimentos locais (MASSARANI 1998, p. 139).

O surto de divulgação científica nos anos de 1920, analisado por Massarani (1998), embora causado por motivos diversos, poderá ser comparado com o volume de divulgações científicas no ano de 2020. A pandemia influenciou esse tipo de produção no rádio e nas demais mídias, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, onde se verifica o aumento significativo de veiculação de notícias ligadas à ciência e que dizem respeito às pesquisas sobre o novo coronavírus.

Apesar do espaço dado à divulgação científica pela mídia, de fato, não é uma tarefa muito fácil para o jornalista, ou qualquer outro comunicador, como

professores, por exemplo, fazer com que a mensagem científica chegue sem ruídos à audiência. Ao se buscar comunicar sobre algo acadêmico, científico, pelo menos duas questões se abrem: primeiro, no caso da comunicação de conhecimentos científicos feita por jornalistas, precisa-se de uma aproximação segura das informações, adquirida com a figura do especialista (cientista, pesquisador) como fonte. Em segundo caso, sendo o próprio cientista o divulgador, necessita de um domínio, uma certa didática para transmitir a mensagem. Em ambos os casos é necessário sempre se conhecer para quem se fala.

E a depender para quem se destina a informação, alguns autores, entre eles Bueno (2010), afirma que há uma diferença significativa, não se pode definir tudo como comunicação científica. Assim, Bueno (2010) distingue comunicação de divulgação científica. A primeira, pode-se dizer, associa-se à divulgação da ciência para cientistas (pesquisadores, especialistas). Já a divulgação científica, tem a ver com informar sobre ciência a um público geral, não especializado no assunto. Ainda para este autor, apesar das diferenciações há também convergências entre os termos. Eis que jornalistas e divulgadores dependem dos pesquisadores e vice-versa para a produção de seus trabalhos; e embora os jornalistas necessitem recorrer à leitura de textos científicos, eles lançam mão do texto científico como fonte, ora em livros, ora em dados coletados diretamente em eventos científicos.

Com isso, interessa analisar a comunicação e a divulgação que a FM Universitária da UFPI vem desenvolvendo sobre a Covid-19. Antes da pandemia, a veiculação de informações científicas nos programas noticiosos da emissora (seus radiojornais, por exemplo) não era algo constante, como admite o jornalista e locutor da na FM Universitária da UFPI, Rodrigo Carvalho³⁰, ao falar do conteúdo veiculado nos noticiários da emissora: "Dentro do jornal, não temos. A gente precisa melhorar e estreitar o laço interno [...]" (SOUSA, 2019).

³⁰ Rodrigo Carvalho Sousa é locutor da FM Universitária da UFPI. Responsável pela produção e a apresentação dos programas jornalísticos da emissora.

O “laço interno”, referido pelo jornalista Rodrigo Carvalho, seria o laço entre a FM Universitária da UFPI com a própria IES. Sendo a UFPI local de produção científica e que oferece, além dos cursos de graduação e pós-graduação, serviços à comunidade, a rádio poderia dedicar mais espaço da sua grade para informação relacionada à área da saúde, educação, dentre outras. Poderia existir uma atenção maior às produções científicas *in loco* e dedicar um espaço para a divulgação de pesquisas realizadas por professores/alunos pelas ondas do rádio.

Essa situação é comum não apenas no Piauí, mas em todo Brasil. Em palestra sobre “Divulgação científica no Brasil”, promovida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Moreira (apud COSTA, 2014) assinala a escassa divulgação de informações de cunho científico e sugere alguns caminhos possíveis para desenvolver uma cultura científica no país:

Entre os desafios do país está a necessidade de envolver sociedades científicas, instituições de pesquisa, universidades, governo, cientistas, comunicadores, educadores e estudantes [...]. É importante para que todos tenham oportunidade de adquirir conhecimento básico sobre a ciência e seu funcionamento que lhe possibilite entender o seu entorno. E a divulgação científica tem papel importante neste contexto (MOREIRA apud COSTA, 2014).

Para Moreira (apud COSTA, 2014), tanto a mídia como as universidades têm um papel importante no desenvolvimento de uma melhor divulgação de assuntos científicos. Realidade que começa a mudar a partir de março de 2020 impulsionada pela crise sanitária do novo coronavírus. Com a pandemia, alterou-se de forma significativa a programação de vários meios de comunicação, acarretando a criação de coberturas especiais e horas dedicadas a informações sobre a Covid-19. Como já citado, isso é o que acontece na FM da UFPI que, desde então, passa a realizar uma programação especial, como consta na divulgação realizada na página do *Instagram* da emissora (ver Figura 1, na página seguinte).



Figura 1: Divulgação de boletim no Instagram @FM Universitária 96,7

A partir de maio de 2020, a emissora passa a transmitir webconferências realizadas pela IES a respeito da Covid-19, bem como se dedica à produção de boletins diários, em um total de três edições, sendo uma delas voltada à cobertura de pesquisas desenvolvidas por universidades e instituições brasileiras e ainda à cobertura de pesquisas internacionais.

Com base em Bueno (2010), compreende-se que a FM Universitária 96,7 traz em sua programação aquilo que se chama comunicação científica ao transmitir os debates de professores e especialistas em discussões sobre a Covid-19. Isso acontece por meio da transmissão de teleconferências de professores-pesquisadores da Universidade Federal do Piauí que abordam temas sobre a Covid-19. Por este motivo, as transmissões de webconferências foram consideradas uma das categorias de análise.

As transmissões de webconferências pela FM Universitária da UFPI tiveram início no dia 13 de maio de 2020, através da série intitulada

"webconferências Ciência UFPI: desafios Covid-19". Trata-se de projeto coordenado pelo professor Emídio Matos, da UFPI, que se encontra previsto no "Plano Interinstitucional de Enfrentamento à Covid-19" e conta com apoio do Comitê Gestor de Crise (CGC) e da Administração Superior da UFPI. A série de webconferências é "[...] conduzida por professores-pesquisadores que se organizaram em 6 áreas de estudo, compondo uma assessoria científica para estudar, analisar, discutir e propor soluções sob a luz da Ciência" (WEBCONFERÊNCIAS CIÊNCIA UFPI, 2020). De acordo com o professor Emídio Matos, o projeto objetiva reunir informações para implementações de ações na UFPI para o enfrentamento da crise sanitária oriunda da pandemia. Nesse sentido, ele esclarece quais os temas a serem tratados sobre a Covid-19:

Os temas gerais das Webconferências serão esses: Virologia, vacinas e diagnóstico laboratorial; Protocolos de assistência médica e ambulatorial, clínica e profilaxia, estudos clínicos, Políticas públicas de intervenção (medidas socioeconômicas); Desenvolvimento e estudos farmacológicos no uso de drogas; Ecologia e saúde única", destaca o professor (WEBCONFERÊNCIAS CIÊNCIA UFPI, 2020).

Da primeira webconferência sobre Covid-19 transmitida pela FM Universitária 96,7 no mês de maio até o dia 26 de junho de 2020, foram debatidos os seguintes temas:

Tabela 1: Webconferências Ciência UFPI: desafios Covid-19

TEMA DA WEBCONFERÊNCIA	DATA
As transformações do mundo do mundo do trabalho a partir da Covid-19"	13 de maio de 2020
"Tratamento da Covid-19"	15 de maio de 2020
"Violência e feminicídio em tempos de Covid-19"	20 de maio de 2020
"Diagnóstico laboratorial da Covid-19: ferramentas e desafios em tempos de pandemia"	22 de maio de 2020
"Conjuntura macroeconômica e dimensões da crise internacional"	27 de maio de 2020
"Pesquisa científica: implicações éticas em tempos de Covid-19"	29 de maio de 2020

"Animais, meio ambiente e Covid-19: devo me preocupar?"	3 de junho de 2020
"A Covid-19 e os impactos socioambientais"	5 de junho de 2020
Desafios na área de segurança e saúde do trabalhador em tempos de pandemia"	12 de junho de 2020
"Alocação de recursos para equidade na atenção à saúde do idoso: desafios em tempos de pandemia"	19 de junho de 2020
"Construir um novo normal: um olhar a partir da arquitetura e urbanismo"	26 de junho de 2020

Fonte: Dados compilados pela segunda autora, 2020.

Ao transmitir as webconferências produzidas pelos professores-pesquisadores da UFPI, a rádio FM Universitária 96,7 cumpre um importante papel, pois abre espaço para a comunicação científica em sua programação, bem como efetiva o cumprimento da própria legislação, no que tange ao papel das emissoras educativas. Sendo o rádio um veículo de comunicação acessível, cria-se a oportunidade para que temas e informações ali debatidos cheguem a um maior número de pessoas.

Além dessa comunicação feita por especialistas, há uma preocupação da emissora em divulgar informações científicas sobre a pandemia, como já se pontuou e que se passa a analisar mais detalhadamente.

Divulgação científica: os boletins sobre as pesquisas das instituições

Divulgar conhecimentos científicos em canais de comunicação, como o rádio, que tem como características a acessibilidade e o emprego de uma linguagem direta e simples, por exemplo, possibilita que a mensagem chegue a lugares e públicos diversos. Isso é uma maneira de democratizar o acesso ao conhecimento. Também, remete ao compromisso da comunicação pública, como se destaca na fala do diretor da Rádio FM Universitária 96,7 da UFPI, o professor doutor Paulo Fernando de Carvalho Lopes, ao falar sobre o conteúdo veiculado e as características do jornalismo proposto pela emissora: "[...] são princípios de uma comunicação pública, interesse público, conhecimento crítico, inovações, direitos humanos, uma comunicação plural, inclusão social [...]. Então, assim, nós temos como princípio básico e orientação essa intenção"

(LOPES, 2018).

A priori, o jornalismo dedicado a divulgar informações científicas numa emissora de outorga educativa, sobretudo em tempos de coronavírus, desempenha um papel importante que culmina com a aquisição pela população de conhecimentos embasados na ciência e divulgados por meios de comunicação que não buscam alguma espetacularização ou simplesmente ganho de audiência. Este tem sido o papel da FM Universitária da UFPI, que através de seu conteúdo noticioso propicia informações científicas aos seus ouvintes durante a pandemia, por meio de boletins diários especificamente destinados a esses temas. Os boletins transmitidos às 13h, horário dedicado à divulgação científica, trazem a cobertura de pesquisas desenvolvidas por universidades e instituições brasileiras e ainda cobertura de pesquisas internacionais. Como já foi citado, é papel de emissoras educativas apresentarem conteúdos diferenciados, que promovam acesso à cultura e apresentem reflexões críticas.

Sobre os boletins dedicados à divulgação científica que são produzidos pela FM Universitária da UFPI, verifica-se em suas estruturas a presença de notas e reportagens/matérias, como se expõe através da categoria "Divulgação científica" esquematizada na Tabela 2.

Tabela 2 - Divulgação científica - Notas e reportagens

Categoria		Programas analisados		
Tipo de divulgação	Programas analisados no dia: 22.6.2020	Programas analisados no dia: 24.6.2020	Programas analisados no dia: 26.6.2020	TOTAL
Notas	03	02	04	09
Reportagens	03	05	03	11
Total	06	07	07	20

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2020.

As notas e as reportagens divulgadas pela FM Universitária 96,7 trazem informações científicas sobre a Covid-19 no Brasil e em outras partes do mundo. Servem também para veicular informações ou ações relacionadas a

instituições (como as universidades), desde que tais informações tenham relação direta com a pandemia. No entanto, em algumas notas, muitas vezes, não consta a divulgação de nenhum conhecimento, descoberta ou pesquisa científica. No caso das notas “Testes rápidos para Covid-19 adquiridos pela Prefeitura Municipal de Teresina” e “Governo do Estado afirma que novas etapas de flexibilização serão divulgadas a cada 15 dias” ou ainda a reportagem sobre “Banco Central prevê queda devido à Covid-19”, avaliou-se que, em produções como essas, embora tragam referências ao novo coronavírus ou mesmo cite alguma instituição científica, seus conteúdos trazem apenas publicidade às ações ou aos eventos nas instituições, como realização de seminários, cursos pelas universidades ou mesmo notícias relacionadas à flexibilização de medidas restritivas. Portanto, apesar de conterem informações que envolvem o período de pandemia, com fontes ou personagens ligados a instituições de pesquisa, não apresentam de fato divulgações científicas sobre pesquisas científicas ou estudos sobre o coronavírus.

Uma vez que a pesquisa teve por interesse a cobertura da pandemia através da divulgação de informações científicas, como é definida por Reis (2018) e Bueno (2010), foi possível mapear nove notas e onze reportagens transmitidas pela FM Universitária da UFPI no período de análise que cumprem esse propósito:

Tabela 3: Conteúdo Notas e Reportagens

TIPO DE DIVULGAÇÃO	CONTEÚDO
NOTA 1	Anticorpos contra Covid-19 podem durar poucos meses – Universidade de Medicina do Sudoeste da China
NOTA 2	Pacientes com forma grave da doença desenvolvem resposta inflamatória descontrolada – Universidade de São Paulo
NOTA 3	Testes rápidos são usados para estatísticas de contaminação da Covid-19 no Amazonas – UFAM
NOTA 4	Protótipo de câmara de desinfecção – Universidade Federal de Rondônia
NOTA 5	Estudos Geográficos para monitorar a Covid-19 – Universidade de São Carlos

NOTA 6	Laringoscópios com suporte 3D auxiliam profissionais de saúde em pacientes – Universidade Federal da Paraíba
NOTA 7	Hospital Universitário de Brasília faz pré-natal em pacientes com Covid-19 para pesquisa
NOTA 8	Vacina contra Covid-19 é desenvolvida por pesquisadores mexicanos
NOTA 9	Estudos clínicos com Remdesivir são autorizados pela Anvisa
REPORTAGEM 1	Pesquisa sobre o consumo de notícias durante a pandemia – Universidade Federal do Espírito Santo
REPORTAGEM 2	Pesquisa busca tecido como maior proteção contra o Coronavírus
REPORTAGEM 3	Pesquisadores chineses lançam segunda fase de teste de vacina em seres humanos
REPORTAGEM 4	UFRJ produz proteína para testes mais precisos e diagnósticos do novo coronavírus
REPORTAGEM 5	China aumenta a capacidade de testagem
REPORTAGEM 6	Dados de pesquisa da OMS sobre número de casos e testes no Brasil
REPORTAGEM 7	Estudo identifica fatores que contribuem para disseminar a Covid-19 Universidades de Campinas e de Barcelona
REPORTAGEM 8	Artigo Sobre a possibilidade de segunda contaminação ao coronavírus – estudos chineses
REPORTAGEM 9	Capacete para minimizar problemas respiratórios de pacientes com Covid-19
REPORTAGEM 10	Estudo preliminar revela que a Covid-19 pode causar danos cerebrais
REPORTAGEM 11	Criação de calculadora de risco pelo Universidade Federal de Minas Gerais

Fonte: Dados produzidos pela autora, 2020.

Ainda que alguns boletins, divulgados de 22 a 26 de junho de 2020 e selecionados nesta amostra, tragam referências à Covid-19, apresentam tão-somente conteúdos com viés de publicidade às ações ou aos eventos nas instituições, como assinalado anteriormente. Não se pode negar que há outros que revelam resultados de pesquisas e inovações científicas realizadas pelas IES durante a pandemia da Covid-19. Por exemplo, a reportagem “Pesquisa sobre o consumo de notícias durante a pandemia”, da Universidade Federal do Espírito Santo, que revela o aumento do consumo de notícias pela sociedade brasileira neste período pandêmico:

Repórter: Universidade Federal do Espírito Santo realiza pesquisa sobre o consumo de notícias durante quarentena. A pandemia de Covid-19 leva 7 em cada 10 pessoas a consumir notícias diariamente e a manterem-se atualizadas

dos acontecimentos por meio da televisão. Para 65% dos 831 participantes da pesquisa 'Coronavírus, comunicação e informação', outras fontes de comunicação são as versões *online* de jornais e os *blogs*. Por meio dos resultados observa-se que o que mais se privilegia são as atuações do governo federal, a divulgação de descobertas científicas e o que se recomenda como meio de prevenção à doença (REPORTAGEM 1, Boletim 22 jun. 2020).

A reportagem sobre a pesquisa realizada pela Universidade Federal do Espírito Santo sobre o consumo de notícias ainda é completada com outros dados trazidos pela pesquisa, como a quantidade de participantes a compartilhar conteúdos relativos à pandemia. Outro exemplo de divulgação de informações científicas é a reportagem sobre a pesquisa relativa à eficácia e a busca de um tecido com maior proteção contra o coronavírus:

Repórter: O projeto de pesquisa apoiado pelo edital de inovação para indústria do SENAI, planeja a elaboração de um tecido de malha com atribuições antivirais, que potencializa a proteção das máscaras. Esses tecidos são chamados funcionais, pois são fabricados por meio de produtos químicos e materiais que complementam funções contra raios ultravioleta e ação antimicrobiana. [...] Até o momento, os testes comprovam apenas a eficácia contra os vírus da caxumba e sarampo, em ensaios *in vitro*, ou seja, estudos realizados em células, tecidos ou órgãos isolados. A expansão da comercialização de tecidos com essa tecnologia pode se tornar uma tendência para serviços de saúde, bem como roupas e estofados. (REPORTAGEM 2, 22 jun. 2020).

As duas citações das reportagens acima exemplificam bem o que se define como divulgação científica. Na concepção de Bueno (2010), "a divulgação científica busca permitir que pessoas leigas possam entender, ainda que minimamente, o mundo em que vivem e, sobretudo, assimilar as novas descobertas, o progresso científico, com ênfase no processo de educação científica". E nesse papel de mediador entre público e ciência, o jornalista, assim como em outras pautas selecionadas, insere os critérios relativos ao que vai ou não ser noticiado. Fora isso, por se tratar de assuntos especializados, mais que nunca precisa adequar o discurso à linguagem do rádio que, entre outras características, é construída de forma simples, direta. O que, muitas vezes, pode "diluir" as informações científicas em uma narrativa cujo teor centra-se em ações ou personagens. Ou seja, a descoberta, a inovação, o achado científico

ficam em segundo plano.

No entanto, em outras produções constata-se a informação científica em primeiro plano, sendo uma característica diferente das demais apresentadas, pois se propõe a divulgar informações de um artigo científico, sem, contudo, usá-lo como pano de fundo ou explicá-lo com a utilização de fontes ou instituições, de maneira que as informações são apresentadas de forma direta:

Repórter: Um artigo publicado pela revista *Nature Medicine*, feita pela Universidade Médica na China, analisa as características imunológicas e clínicas de 37 pacientes assintomáticos com o novo coronavírus. O estudo detectou o vírus, através de um exame de coleta de nariz e garganta dos pacientes. Oito semanas depois, concluíram que os anticorpos diminuíram 81,1%. O imunologista Gustavo Cabral explica que a pesquisa alerta sobre a ineficiência de anticorpos após a infecção por Covid-19, mas destaca que sistema imunológico do corpo humano, com o tempo, pode criar outras formas de proteção contra Sars-Covid2 (REPORTAGEM 8, 24 jun. 2020).

A reportagem faz referência direta ao conteúdo, à fonte documental, no caso um artigo, sem se preocupar em encaixar em uma narrativa que poderia, como já se mencionou, diluir o conteúdo científico. Portanto, veicula informações de cunho científico, a que possivelmente o grande público não teria acesso, pois são informações restritas, pelo menos a princípio, visto que, estão contidas em revistas especializadas.

Mais um ponto a se destacar nas produções da FM Universitária da UFPI sobre a Covid-19 se atrela às fontes de informação. Em geral, utiliza-se uma fonte apenas, sejam professores ou pesquisadores; em outras produções as fontes são as próprias publicações (artigos, pesquisas). Em consequência, não há o contraponto, comum nas produções jornalísticas, em que se abre espaço para mais de uma fonte, principalmente, com pontos de vistas que tragam visões diferentes do mesmo fato. Isso não ocorre nas produções veiculadas sobre temas científicos na FM Universitária da UFPI. Contudo, essa falta de pluralidade de opiniões não se restringe às produções da emissora, é algo recorrente na cobertura jornalística sobre ciências como destaca Teixeira (2002, p. 134):

Não há contraditório na cobertura de ciência. Dispensamos o jornalismo sobre ciência de cumprir o mandamento que interdita a matéria feita a partir de uma única fonte porque entendemos que não há versões da verdade quando se trata de ciência. [...] Não havendo versões, nem contraditório, o que se reserva então ao jornalista que cobre ciência? A tarefa de “traduzir” com competência e fidelidade, de tal forma a ser compreendido pelo público leigo, um específico conteúdo científico.

A falta do contraditório na divulgação científica feita pela rádio vai na contramão ao que normatiza a Portaria 3238/2018, ao tratar em seu artigo 3º, parágrafo 1º, da necessidade da pluralidade de opiniões nas programações opinativas e informativas. Logo, o que se verificou em algumas das produções analisadas é que não há essa pluralidade de opiniões.

Outro ponto em destaque, nos boletins produzidos pela rádio universitária da UFPI, são as divulgações de notícias de pesquisas de outros países, como pesquisas produzidas na China. Como na reportagem sobre pesquisadores chineses que lançam segunda fase de teste de vacina em seres humanos.

Repórter: Pesquisadores do Instituto de Biologia Médica da Academia Chinesa de Ciências Médicas começam segunda fase de testes em seres humanos de possível vacina contra o novo coronavírus. Mais de 10 vacinas diferentes estão em teste em todo mundo, por enquanto nenhuma dessas atinge a terceira fase. A terceira etapa consiste em ensaios clínicos em grande escala. O estágio é necessário para obter uma luz verde por parte das autoridades para disponibilização da vacina no mercado (REPORTAGEM 3, 22 jun. 2020).

A divulgação de temas com ações ou resultados de pesquisadores de fora do país, só ressalta uma das características identificadas em relação a alguns critérios de noticiabilidade adotados pela emissora: de que as produções veiculadas, sejam notas ou reportagens, não se prendem à questão da proximidade. Verifica-se, especialmente nas reportagens, que não há um enquadramento ou a oferta do assunto (descoberta, resultados de pesquisas etc.) associado a algum elemento do Estado do Piauí. Portanto, nessas, não se associa nenhum elemento local para ilustrar o tema (como fontes, professores de Instituições locais, por exemplo) que possam complementar o assunto ou dar uma certa proximidade ao conteúdo.

Considerações finais

A pandemia do novo coronavírus, sem dúvida, tornou-se um divisor na história. Até o momento, sem vacina para todos, o mundo se ajusta às restrições impostas pelos decretos e medidas sanitárias de combate à Covid-19. Na busca de cumprir seu papel, em meio ao caos na saúde pública, na economia, na educação etc., as mídias novas e tradicionais buscam preencher suas grades com a pauta, se não única, mas até o momento principal: a pandemia. E é nesse contexto que entre tantos enquadramentos possíveis, uma questão de saúde pública acaba por possibilitar uma maior visibilidade ou espaço para a comunicação e divulgação científica. Esta última, sem dúvida, é a mais explorada pela rádio FM Universitária 96,7 da UFPI.

Nesse cenário, as emissoras que fazem parte do sistema educativo são canais propícios para tratar de conhecimentos científicos, seja através da comunicação, seja na divulgação de informações sobre o assunto. Através do estudo de caso da FM Universitária da UFPI foi possível verificar que a pandemia acabou forçando a emissora a dedicar um espaço da grade para uma programação de conteúdo científico, através da transmissão de webconferências e da produção de boletins. Isso demonstra a potencialidade e as possibilidades que emissoras educativas têm para a oferta de conteúdo sobre ciência ao público ouvinte. Contudo, vale deixar claro que o que as emissoras educativas têm promovido é a divulgação científica. E assim como acontece nas emissoras comerciais, pouco espaço é destinado para a comunicação científica.

Não obstante, em consonância com a própria legislação que rege as emissoras de outorga educativa, a FM Universitária da UFPI promove comunicação científica ao transmitir as conferências sobre a pandemia, produzidas pela IES, além de se dedicar à produção de conteúdo noticioso através de seus boletins e informativos, por meio de *spots*, sobre a doença ou a prevenção da Covid-19. Em todo caso, há, sim, um espaço na emissora para veicular assuntos sobre ciência, isso só demonstra a importância de emissoras

públicas e educativas na garantia de acesso a informações e conhecimentos diversos à população. Assim como demonstra a importância do rádio como meio acessível e democrático. O legado da pandemia para FM Universitária 96,7 da UFPI, seguramente, é essa aproximação com a comunicação científica e consequentemente um efetivo cumprimento da legislação que disciplina as rádios de cunho educativo.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BAUMWORCEL, Ana. Desafios do rádio educativo no Brasil. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. (Orgs.). **Estudos radiofônicos no Brasil: 25 anos do grupo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: INTERCOM, 2016.

BRASIL. Portaria N. 661 de 15 de abril de 1999. Disponível em: <http://www.lex.com.br/doc_345250_PORTARIA_INTERMINISTERIAL_N_651_DE_15_DE_ABRIL_DE_1999.aspx>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BRASIL. Portaria N. 3238 de 20 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/comunicacao/arquivos/Radio_difusao_educativa/Legislacao/Portaria-3238-de-20-de-junho-de-2018-Versao-SEI.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Revista Informação & Informação**. Londrina, v. 15, n. esp, p. 1-12, 2010.

GOMES, Antônio José; SANTOS JÚNIOR, Luiz de Sousa. Histórico da Universidade Federal do Piauí. In: SILVA, Ariosto Moura da et. al. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação no Campo**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2013.

HISTÓRIA DA FM UNIVERSITÁRIA. 5 jan. 2017. Disponível em: <<http://ufpi.br/historia-radioufpi>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. Entrevista 2 [dez. 2019]. **Entrevista concedida a Urziana de Moraes**. 1 arquivo. mp3, Teresina, 2019. (35 min.).

MOREIRA, Ildeu de Castro. A divulgação científica no Brasil. In: COSTA, Vivian. **A importância da divulgação científica**. Blog da Biblioteca Central da UFRGS. 31 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-importancia-da-divulgacao-cientifica/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20**. 1998, 177p. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação). Instituto Brasileiro de Informação em C&T (IBICT)/Escola de Comunicação/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (PDI) 2015-2019.
Teresina: EDUFPI, 2015. Disponível em:
<http://ufpi.edu.br/arquivos_download/arquivos/pdi%20%202015_2019%20ufpi%20ultima%20versao.pdf>. Acesso em: 02 mar. 18.

REIS, José. Ciência e Jornalismo. In: MASSARANI, Luisa (org.). **Reflexões sobre a divulgação científica**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018.

REITOR DA UFPI INAUGURA RÁDIO UNIVERSITÁRIA. Disponível em:
<<https://www.meionorte.com/videos/reitor-da-ufpi-inaugura-radio-universitaria-5823>>.
Acesso em: 12 jul. 2018.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. O rádio educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. In: **Anais XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2006. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0905-1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SOUSA, Rodrigo Carvalho. Entrevista 1 [dez. 2019]. **Entrevista concedida a Urziana de Moraes**. 2019. 1 arquivo. mp3. Teresina, 2019. (18 min.).

SPENTHOF, Edson Luiz. A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios. In: **Comunicação e Informação**. Revista do programa de pós-graduação em Comunicação - UFH. v. I, n. 1, p. 153-166, jan./jun. 1998.

TEIXEIRA, Mônica. Pressupostos do jornalismo de ciência no Brasil: uma visão do debate sobre as relações entre ciência e o jornalismo. In: MASSARANI, L; MOREIRA, I. de C; BRITO, F. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.

THIBES, Fabíola Raphaela. **A produção jornalística em webrádios públicas catarinenses: os casos da rádio AL e da rádio Ponto**. 2014. 239p. Dissertação. (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VILHENA, Paulo. **Entrevista à Rede Meio Norte Sobre inauguração da Rádio Universitária**. Disponível em: <<https://www.meionorte.com/videos/reitor-da-ufpi-inaugura-radio-universitaria-5823>>. Acesso em: 02 mar. 18.

WEBCONFERÊNCIAS CIÊNCIA UFPI: Desafios Covid-19. 12 maio 2020. Disponível em:
<<https://www.ufpi.br/noticias-coronavirus/36210-webconferencias-ciencia-ufpi>>.
Acesso em: 19 jun. 2020.

YIN, K Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed., Porto Alegre: Bookman, 2001.

Los medios universitarios en tiempos de infodemia: El caso de la Universidad de Extremadura

Sobre os autores

Daniel Martín Pena